

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

CONEXÕES FEMINISTAS: ENSINO DE
HISTÓRIA, VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E
MULHERES NA CIÊNCIA

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

Este dossiê intitulado "Conexões feministas: ensino de história, violências de gênero e mulheres na ciência" é resultado de uma seleção de artigos que foram apresentados em conferências e mesas redondas da V Jornadas do LEGH (Laboratório de Estudos de Gênero e História), realizado na Universidade Federal de Santa Catarina entre os dias 16 e 19 de outubro de 2023, cujo tema foi "Pesquisa e Ensino da História das Mulheres e do Gênero".

A proposta desta edição das Jornadas foi valorizar a Lei Estadual 18.226/2021, que inclui no currículo das escolas de Santa Catarina, como conteúdo transversal, a História das Mulheres do Campo e da Cidade. O evento contou com conferência, sete mesas redondas, minicursos e mais de 130 apresentações em simpósios temáticos, presenciais e *on-line*, e teve financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Realizado desde 2015, as Jornadas do LEGH reúnem pesquisadoras/es de várias partes do Brasil e do exterior que realizaram seus percursos formativos no LEGH ou que são parceiras/os de projetos desenvolvidos pelo Laboratório. Destas V Jornadas, participaram pesquisadoras vinculadas a três grandes projetos: 1) Caleidoscópio: Instituto de Estudos Avançados em Iniquidades, Desigualdades e Violências de Gênero e Sexualidade e suas múltiplas insurgências; 2) A internet como campo de disputas pela igualdade de gênero; e 3) MANDONAS: memórias, políticas e feminismos no Cone Sul (1980-2020). O primeiro e o terceiro projetos são financiados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o segundo pela Fapesc.

Assim, os artigos que aqui se apresentam resultam de dois principais objetivos das Jornadas do LEGH. Um deles é discutir e atualizar perspectivas teóricas e metodológicas de pesquisas na área da História e das Ciências Humanas como um todo, a partir do intercâmbio entre pesquisadoras/es convidadas por sua atuação nas temáticas de interesse, aquelas/es que, embora oriundas/os do LEGH, ao atuarem em instituições de outras regiões do país têm diversificado suas abordagens científicas, além de estudantes de graduação, pesquisadoras/es em formação e professoras/es do Ensino Fundamental e Médio. Este intercâmbio tem possibilitado produzir inovação no campo científico, especialmente pela perspectiva interdisciplinar

de muitas das pesquisas desenvolvidas, pela criação e fomento de redes de conhecimento e pela formação do capital humano. O outro objetivo do evento tem relação direta com a publicação deste dossiê pela revista *Trilhas da História*, que é a disseminação de pesquisas que desenvolvem diferentes temáticas e perspectivas teóricas em nosso campo do conhecimento.

Todos os artigos foram submetidos à avaliação duplo-cega e compõem um conjunto que chamamos de “conexões feministas”, que abordam e avançam no debate de diversos desafios da sociedade no que se refere às questões de gênero.

O tema da violência, por exemplo, atravessa a maior parte dos artigos deste dossiê. São contribuições feministas para o debate sobre violências de gênero na política, na internet, nas universidades e as violências racistas na reprodução assistida em Cuba.

As violências de gênero, embora uma realidade antiga, são ainda assunto urgente no tempo presente, como nos mostram os artigos aqui publicados e os dados empíricos dos órgãos de segurança pública, da saúde ou de inúmeras análises qualitativas. Representam, também, um desafio científico na busca pela mudança, pois como propõem Héléne Bourdeloie e Lena Hübner, "a investigação feminista está enraizada numa práxis que se traduz em ação militante para provocar mudanças sociais" (BOURDELOIE; HÜBNER, 2024, p.3).

O primeiro artigo, escrito por Claudia Maia e Eloisa Rosalen e intitulado “Do luto à luta: ativismo e teorização feminista na visibilização, interpretação e enfrentamento à violência de gênero contra as mulheres no Brasil” é, por exemplo, um esforço de demonstrar o amplo panorama das contribuições do campo acadêmico e da militância feminista para a questão da violência de gênero. As autoras apontam leis, discutem abordagens e mostram as contribuições da história para este enfrentamento.

O segundo artigo, de Alejandra Oberti, intitula-se "Violencia de género en el ámbito de la política en Argentina: discursos y prácticas antifeministas", e explora expressões de violência política de gênero na Argentina a partir da análise de publicações em duas contas de mulheres políticas na plataforma *Twitter/X*. Oberti inicia a análise pelas ações das organizações feministas argentinas a partir dos anos 1980 para, posteriormente, dialogar com uma série de estudos que buscam conceitualizar e denunciar formas contemporâneas de violência política, notadamente aquelas produzidas em meios digitais.

Ainda sobre o contexto digital, Elaine Schmitt e Cristina Scheibe Wolff abordam, no artigo “Violência de gênero na internet e direitos digitais: propostas de enfrentamento a partir do projeto internet”, algumas das discussões realizadas no âmbito do projeto “Internet segura com perspectiva crítica de gênero”. As autoras ainda apresentam a legislação que regula o campo digital no Brasil, ações feministas e antifeministas nas redes sociais on-line e apontam os resultados do projeto.

Em “Territorios de injusticia: acciones feministas contra el acoso sexual en espacios académicos”, Claudia Andrea Bacci problematiza a potencialidade de estratégias coletivas responsáveis e criativas nas denúncias contra o assédio sexual nos espaços acadêmicos. A partir de fontes históricas diversificadas (publicações acadêmicas, informes institucionais, denúncias públicas, escrachos e ações online), proveniente de contextos diversos de Portugal e da Argentina, a autora explorou o modo como os sentimentos de injustiça podem ser tematizados.

Abordando racismo e sexismo, o texto de Yarlenis Mestre Malfrán intitulado “Para além da interseccionalidade: conexões feministas afrodiáspóricas na análise do racismo na América Latina”, focaliza, através da hifenização entre projetos feministas negros do Norte e do Sul global, o território compartilhado de epistemologias e alianças políticas feministas negras transnacionais. A autora observa o racismo como peça central de uma matriz de dominação reprodutiva, presente no âmbito da reprodução assistida em Cuba.

Embora não trate de violência, o artigo de Rebeca Feltrin, Karla Adriana Martins Bessa e Maria Margaret Lopes demonstra a desigualdade de gênero na ciência a partir da análise de dados do Painel de Fomento em Ciência, Tecnologia e Inovação do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Por meio de um *software* de Análise Interseccional de Perfil – AIP (FELTRIN *et al*, 2021), as pesquisadoras analisam os perfis de pesquisadoras/es que receberam bolsas do principal órgão de fomento do Brasil, com uma perspectiva interseccional, considerando gênero, raça/etnia, região e área do conhecimento. A pesquisa, que compara dados de 2005 e de 2023, se insere no contexto dos objetivos do Observatório Sul-Sudeste do INCT-Caleidoscópio.

Tangenciando a discussão sobre desigualdade e invisibilidade, Cintia Lima Crescêncio, em seu artigo “Uma breve história das cartunistas no Brasil: Cahý, Hilde, Ciça e Mariza em uma perspectiva de gênero (1960-1980)” apresenta características sobre cada uma dessas artistas, recuperando seus locais de produção, temas e

abordagens, em busca de filiações, pertencas e legados. Seu objetivo é contribuir para a história do humor gráfico no Brasil e das cartunistas e chargistas brasileiras, trabalho que a historiadora já realiza há anos a partir dos periódicos impressos e entre os anos 1960 e 1980. Também é um texto de referência para quem busca conhecer as “pioneiras” deste estilo, seu engajamento com os temas do feminismo e seu legado para as novas gerações.

Enfocando os silêncios e invisibilidades das mulheres na história a partir da análise de dois livros didáticos do Ensino Público catarinense, Nucia Alexandra Silva de Oliveira provoca-nos a pensar o papel de professoras/es de História em focar as questões de gênero na educação, apesar das limitações dos materiais didáticos e da ausência dessa recomendação nos documentos oficiais do estado de Santa Catarina, como o Currículo Base do Território Catarinense e Proposta Curricular. Inspirada por bell hooks, a autora propõe o “Ensino de História como ação política”, estimulando que as salas de aula sejam espaços de transgressão das opressões, silêncios e ausências baseadas em gênero.

Na mesma toada do artigo de Nucia, encerra o dossiê o artigo de Gleidiane de Sousa Ferreira e Ana Maria Veiga intitulado "Em busca de epistemologias outras: ensino e pesquisa histórica como construções política feministas". As autoras argumentam que o ensino e a pesquisa histórica, em perspectiva feminista, são fundamentais e contribuem para a produção de práticas capazes de desconstruir hierarquias, transformar realidades e atuar sobre as urgências do tempo presente, apontando para a construção de espaços e relações que permitam a observação crítica sobre si e sobre o mundo.

Para concluir, esperamos que estes textos que fazem "conexões feministas" sobre as questões de gênero na pesquisa, ensino e extensão, tenham a possibilidade de contribuir com análises para a construção de um mundo sem violências e com mais presença e valorização das mulheres e pessoas diversas que somos atravessadas por diferentes marcadores sociais de diferença e resistentes às múltiplas formas de opressão. Desejamos a todas/es/os uma boa leitura.

As organizadoras.
Joana Maria Pedro
Janine Gomes da Silva
Morgani Guzzo

REFERÊNCIAS

BOURDELOIE, Hélène; HÜBNER, Lena. Introduction: faire de la recherche féministe: défis épistémologiques et méthodologiques au Québec et en France. *Le cahiers du CEDREF*, 26, 2023, p. 3. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cedref/1921>. DOI: <https://doi.org/10.4000/cedref.1921>. Acesso em 18 Set. 2024.